

Com recorde de internações em 50 anos, Rio decreta epidemia de dengue

# MAIS UMA EPIDEMIA

## Cidade teve 362 internados com dengue em janeiro, maior número para o mês em 50 anos

### O PANORAMA DA DOENÇA NA CAPITAL

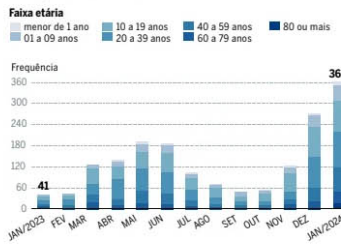
#### TAXA DE INCIDÊNCIA DE DENGUE ACUMULADA

(Casos a cada 100 mil habitantes)

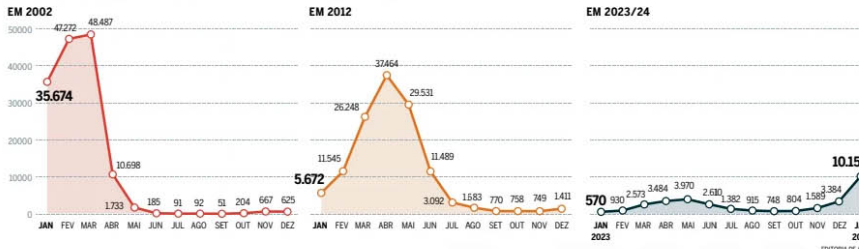


#### HOSPITALIZAÇÕES

Segundo faixa etária e data do início dos sintomas. Município do Rio, 2023-2024



#### CASOS NOTIFICADOS RECENTEMENTE E EM OUTRAS DUAS EPIDEMIAS



FELIPE GRINBERG E SELMA SCHMIDT

Doze anos depois, o Rio volta a enfrentar uma epidemia de dengue. É a sexta na cidade em 38 anos. Ontem, a prefeitura anunciou uma série de medidas para tentar frear o avanço da doença, que castiga principalmente a Zona Oeste. Apenas no primeiro mês do ano, foram 10.156 infectados — quase a metade de todo o ano passado. A cidade bateu recorde de internações por dengue, com 362 hospitalizações em janeiro — o maior número desde 1974, início da série histórica, segundo o secretário municipal de Saúde, Daniel Soranz. Ainda não há mortes confirmadas, mas três óbitos são suspeitos e estão sob investigação.

— Infelizmente os números confirmam a epidemia. A diferença para 2012, a última na cidade, é que a gente tem hoje uma rede muito mais ampla e capilarizada, com as clínicas da família. E, ao contrário da pandemia que tivemos de Covid-19, em que o cidadão individualmente não podia fazer muita coisa, essa depende muito da ação individual. Na absoluta maioria dos casos de dengue, as pessoas pegaram a doença em casa ou perto do local onde elas moram — disse o prefeito Eduardo Paes.

O carioca enfrentou outras epidemias de dengue em 1986, 1991, 2002, 2008 e 2012. A quantidade de casos em janeiro, que ainda deve aumentar com a entrada de notificações atrasadas, surpreendeu porque o pico da



Na lupa.

Operação da Secretaria municipal de Saúde e de Ordem Pública vistoriou compulsoriamente um prédio abandonado no Andaraí, onde foram encontrados focos de *Aedes aegypti*.

**VISTORIA COMPULSÓRIA**  
E a prefeitura está de olho em quem não cuida seu quintal. Agentes poderão se valer da entrada compulsória em endereços. Foi publicada ontem no Diário Oficial uma lista de 15 imóveis abandonados, para informar os proprietários que o município vai fazer a vistoria. Na tarde de ontem, a equipe esteve em um prédio abandonado na Rua Barão de São Francisco, no Andaraí, na Zona Norte, onde foram encontradas larvas de mosquito. Proprietário, o banco BTG informou que, após o Banco do Brasil ter deixado o imóvel, contratou uma empresa especializada para identificar os pontos de acúmulo de água e adotar medidas necessárias.

Na cidade, estão circulando os vírus da dengue dos sorotipos 1, 2 e 4. O infectologista da UFRJ Alberto Chebab explica que só é possível pegar apenas uma vez cada um deles. — Tem pouca diferença clínica entre os sorotipos. A gente recomenda que a pessoa busque o médico nos primeiros sintomas, como febre, dor no corpo e de cabeça. E, a qualquer momento de forma urgente, quando tiver tonteira e vômitos que não cessam — explica.

doença costuma ser em março ou abril. Os dados mostram que, desde 1996, quando começa a série histórica de notificações feitas pela prefeitura, o mês passado foi o terceiro pior janeiro, perdendo apenas para 2002 e 2008.

#### NÚMEROS CRESCENTES

A epidemia ocorre quando há aumento sustentado de casos por um período e em regiões diferentes da cidade. Ao analisar a evolução dos casos, as autoridades verificaram que o número é crescente. Na capital, 757 pessoas com sintomas da doença passaram por setores de urgência e emergência da rede pública na terceira semana de janeiro — número 67% maior que na semana anterior. A região de Campo Grande e Guaratiba tem a incidência mais alta

da cidade. — Essa região tem uma característica diferente. São muitas casas, com quintais e áreas livres. Menos urbanizado e adensado. Então a tendência é ter mais focos — explica Paes.

Para frear essa escalada, uma das medidas que a prefeitura vai adotar é uma velha conhecida dos cariocas: os fumacês. Serão 16 veículos rodando pela cidade aspergindo o inseticida UVB, que mata mosquitos na forma adulta. O Rio também vai abrir 20 leitos exclusivos para o tratamento de pacientes com dengue grave no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, em Acari, na Zona Norte, e o mesmo que foi durante um tempo exclusivo para pacientes com Covid-19. A partir de segunda-feira, começam a ser inaugurados dez

polos de atendimento em unidades d'arede. Serão espaços adaptados para receber mais pacientes. Outros 150 pontos de hidratação, montados para as ondas de calor, também vão receber infectados, que costumam apresentar dor de cabeça, dores musculares, dor atrás dos olhos e febre. Nos casos graves, são comuns o sangramento de mucosa e dores abdominais.

Mas o combate ao avanço da doença não cabe apenas ao poder público. Dados mostram que dois a cada três focos do *Aedes Aegypti*, mosquito transmissor da dengue, estão em casas. Um levantamento feito mês passado pela Secretaria municipal de Saúde revelou que os agentes encontraram 32% dos criadouros em depósitos móveis, como vasos de planta, e outros 25% em

locais fixos, a exemplo de tanques e calhas. A orientação da prefeitura é que a população só acione o 1746 — central de atendimento aos moradores — em casos extremos, após tentar e não conseguir acabar com o foco do mosquito. De 1º de janeiro até ontem, o serviço recebeu 678 chamados relacionados ao *Aedes*.

O pedreiro pernambucano Francisco Gomes da Rocha, de 47 anos, morador da comunidade do Catorze, no Recreio dos Bandeirantes, até conseguiu escapar do coronavírus, mas foi pego por um *Aedes* infectado: — Não sou de ficar na cama. Não posso ficar parado, porque preciso trabalhar para viver. Só que a dengue me deixou quatro dias sem levantar. Em 30 anos de Rio de Janeiro, nunca tive algo tão grave.

Já o educador ambiental e social Marcelo Machado Esteves chegou a pensar que não conseguiria comemorar seus 56 anos, completados na última quinta-feira, tamanha a gravidade do quadro de dengue que teve, há cerca de 15 dias. Ele mora no Conjunto Urucânia, em Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio, região onde foi registrada a segunda maior incidência da doença em janeiro.

— Fiquei uma semana muito mal, com febre, dor e coceira no corpo. Nem da cama levantava — conta ele, que coordena o Comitê da Ação da Cidadania Amigos de Urucânia e Adjacências. — Nunca tinha tido dengue. Passei longe de dengue, zica, chikungunya e até da Covid-19. Mas, desta vez, a doença me derrubou.

Após melhorar, Marcelo tratou de dar uma geral no quintal de sua casa, para tentar eliminar possíveis focos do mosquito, já que tem muitas plantas. Mas ele também se preocupa com um lixão que fica nas proximidades. — Estou doidinho para a vacina chegar e aguardando a minha vez — diz.

Apesar da vontade, Marcelo terá que esperar pela vacina. Com poucas doses disponíveis e seguindo recomendação do Ministério da Saúde, o Rio vai vacinar primeiro 354 mil crianças e adolescentes de 10 a 14 anos. A prefeitura só aguarda a autorização da Anvisa, mas já prepara a logística para começar a aplicação ainda este mês.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Rio **Página:** 23